

Nacionalismo na Europa

Centro Brasileiro de Relações Internacionais (CEBRI)

Rio de Janeiro, 17 de outubro de 2019

O nacionalismo está de volta na Europa e em outras partes do mundo. Precisamos lidar com isso para impedir a tempo que o nacionalismo produza novamente seu efeito devastador. Isso não é um dramatismo exagerado como podemos perceber com os últimos acontecimentos na Alemanha. Em junho, um oficial de governo do estado Federado de Hesse foi assassinado com um tiro na cabeça por um homem ligado a um movimento da extrema-direita nacionalista. Em outubro, um jovem de 27 anos, fanático antissemita e xenófobo, tentou entrar numa sinagoga para matar muitas pessoas mas porque não consegue abrir o portão matou dois transeuntes antes de ser detido pela polícia.

Esses atos são expressões de um nacionalismo extremo. Confirma a necessidade de lidar com esse fenômeno enquanto ainda é tempo e enquanto existe a possibilidade de tomar medidas adequadas para enfrentá-lo. Pois o balance do nacionalismo é claro: "O nacionalismo é a causa da maioria dos conflitos políticos desde o século 19 e uma condição necessária para o sucesso do nacional-socialismo desde 1930" (Kunze 2019: 27).

Em seu último livro, o historiador Rolf Ulrich Kunze resumiu vividamente os aspectos problemáticos do nacionalismo:

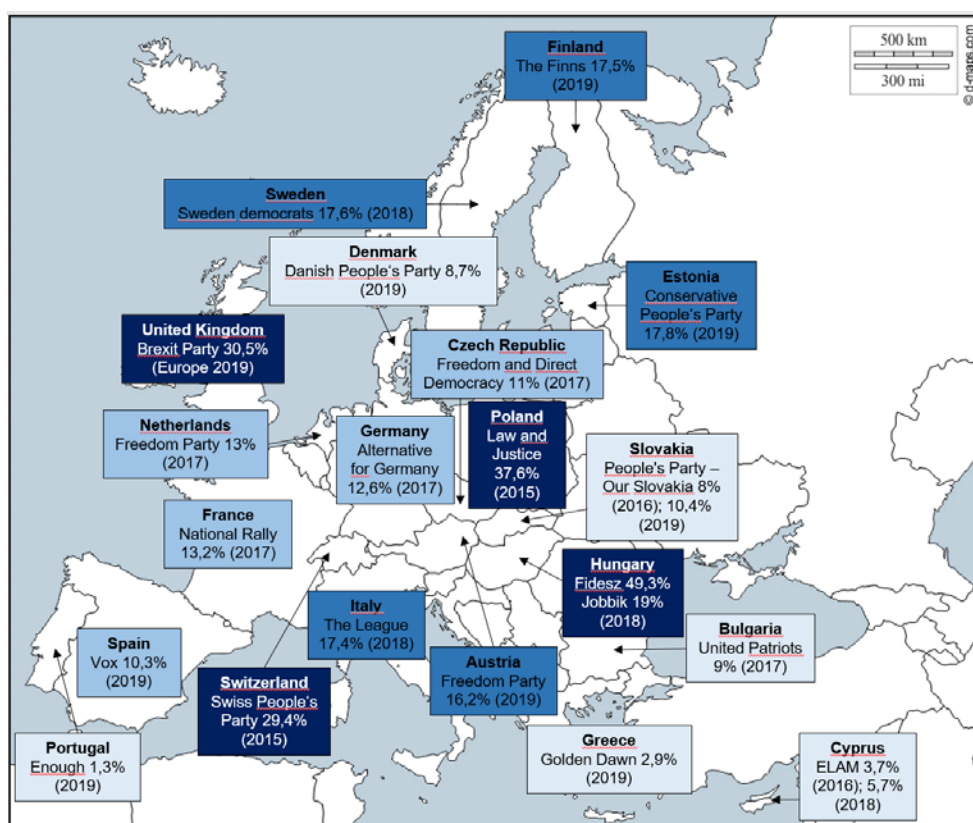
"O nacionalismo não é um recurso político que possa ser direcionado e controlado para alcançar certos objetivos políticos, mas tende a radicalizar e escalar, especialmente para se relacionar com o racismo universal e o anti-semitismo. O nacionalismo legitima intervenções profundas nos direitos humanos e civis, especialmente de minorias, bem como uma ficção de autodefesa no sistema econômico global livre. O nacionalismo faz menos livre e mais pobre. O nacionalismo é uma das principais causas dos conflitos militares assimétricos do presente. O nacionalismo favorece a desinstitucionalização populista da cultura política e põe em risco a estabilidade de órgãos constitucionais políticos legitimados democraticamente por representantes no estado constitucional e no nível intergovernamental supranacional. O nacionalismo nega a dinâmica estrutura migratória da história universal, que se torna cada vez mais importante como forma de mudança social desde 1850 e é um padrão fundamental na história da globalização. O nacionalismo ex negativo ou nacionalismo compensatório é uma manifestação de integração deficiente " (Kunze 2019: 27).

Na agenda internacional, Donald Trump com seu lema "Make America great again" despertou e avivou a atenção para o nacionalismo e os problemas que vêm junto com ele. Mas também outros países há muito são marcados pelo nacionalismo. Na Ásia, o presidente chinês Xi Jinping toca habilmente o teclado do nacionalismo para mobilizar lealdade ao regime. Na vizinha Índia, que gosta de se apresentar

como a maior democracia do planeta, o primeiro-ministro Modi e seu partido BJP utilizam o nacionalismo vinculado a um fundamentalismo religioso como elemento de dominação para mobilizar seguidores. Que esse nacionalismo hindu ameaça as instituições democráticas do país está se tornando cada vez mais evidente. Também em Myanmar existe essa conexão desastrosa entre nacionalismo e fundamentalismo religioso, enquanto ali são os budistas supostamente tão pacíficos, que com a expulsão nos últimos anos de várias centenas de milhares de membros do grupo dos Rohingya, deram igualmente um exemplo das consequências fatais do nacionalismo.

Também na Europa o nacionalismo se faz presente novamente, e isso já há um pouco mais de tempo do que as atuais vitórias eleitorais de partidos nacionalistas nos fazem perceber. Uma análise recente do mapa político da Europa mostra que os partidos nacionalistas estão presentes em todo o continente.

Resultados eleitorais de partidos nacionalistas nas recentes eleições na Europa¹



Os partidos nacionalistas não são um fenômeno novo. Já em 2002, na França o presidente do Front National, Jean-Marie Le Pen, obteve um sucesso notável nas eleições presidenciais quando chegou ao segundo turno e, dois anos depois, conseguiu mobilizar uma maioria para rejeitar o Tratado Constitucional para a União Europeia. Naquela época, isso ainda foi considerado, com certa surpresa, como uma característica particular francesa. Já no ano 2000, o Partido Popular (ÖVP) na Áustria formou uma coalizão com o nacionalista FPÖ (Partido da Liberdade), que fracassou dois anos depois. Nas eleições subsequentes de setembro de 2002, o ÖVP obteve uma clara vitória. Muitos europeus

¹ Ver também no anexo a tabela de eleições para o Parlamento Europeu em maio 2019 com o resultado dos partidos nacionalistas e eurocéticos

pensavam na época que a estigmatização e o parcial isolamento da Áustria por parte dos outros membros da UE, como reação à coalizão ÖVP/FPÖ, teriam contribuído para essa situação, e o nacionalismo poderia, portanto, ser barrado e repellido por meio de uma atitude defensiva consistente. Na França, por sua vez, o Front National experimentou inicialmente um declínio e o restante dos europeus começaram a respirar aliviados. Mas a filha do fundador do partido, Marie Le Pen, obteve uma vitória eleitoral novamente em 2012 e em 2017 chegou mesmo ao segundo turno. Também em outras partes da Europa, nesse meio tempo, partidos nacionalistas tinham alcançado sucesso nas eleições. Após as eleições para o Parlamento Europeu em 2014, registrou-se com surpresa e espanto em diversos lugares, que em muitos países partidos de direita e populistas tinham obtido uma notável parcela dos votos e que os partidos críticos à Europa haviam conquistado juntos cerca de um quinto das cadeiras do Parlamento. Além do Front National, este grupo inclui os Democratas Suecos, os Verdadeiros Finlandeses, o Partido Popular Dinamarquês, o UKIP do Reino Unido, o Partido da Liberdade Holandês, o FPÖ, o Flamengo "Vlaams Beland", o Liga Norte da Itália, o Jobbik da Hungria e o "Aurora Dourada" da Grécia. O novo partido alemão "Alternativa para Alemanha" (AfD), caracterizava-se essencialmente pelas posições de alguns professores de economia críticos ao euro, e não como hoje por populistas de direita. Mas, na essência, o AfD já era um partido que se valia de um sentimento nacionalista para mobilizar as opiniões contra a unidade europeia.

No mais tardar, desde aquela eleição em maio de 2014, o "monstro" do nacionalismo é percebido com maior nitidez em toda a Europa. Eu chamo a atenção para o ano de 2014, porque a chamada crise migratória, que nos últimos anos tem sido muitas vezes considerada como um deflagrador para o fortalecimento dos partidos nacionalistas, só aconteceu bem um ano depois. Isso sugere que o advento dos partidos nacionalistas é mais complexo e não pode ser (apenas) explicado pela crise migratória - o que obviamente significa que o nacionalismo não pode ser combatido unicamente impondo restrições à migração.

Nas eleições deste ano 2019 para o Parlamento Europeu, o desempenho dos nacionalistas não foi tão bom quanto se esperava e temia. Mesmo assim, eles conquistaram cerca de um quarto dos assentos no Parlamento Europeu. Isso confirma que, no interim, os partidos nacionalistas na Europa possuem uma proporção não insignificante de eleitores. Isso também ficou demonstrado nas eleições nacionais nos últimos anos. Até países supostamente protegidos de um fortalecimento do nacionalismo, como Alemanha ou Espanha, experimentaram o surgimento de novos partidos nacionalistas.

Os partidos tradicionais, especialmente os chamados partidos populares de centro, mas também os socialdemocratas e socialistas são em maior ou menor grau afetados por essa evolução. Isso se aplica, entre outros, à CDU/CSU (União Democrata-Cristã/União Social- Cristã) na Alemanha. Ao mesmo tempo, devemos pelo menos relativizar uma segunda hipótese, a saber, a que atribui o crescimento dos partidos nacionalistas a fatores socioeconômicos e ao aumento da desigualdade social. Assim, também essa tentativa de explicação possui um alcance apenas limitado, uma vez que os partidos nacionalistas se fortaleceram igualmente nos países economicamente prósperos da Europa, com índices de distribuição relativamente bons: os países nórdicos, a Holanda, a Áustria e, não menos importante, a

Alemanha. É por isso que, provavelmente, esses partidos não poderão ser combatidos apenas através de novos mecanismos de distribuição.

Para entender a ascensão e o fortalecimento de partidos e movimentos nacionalistas, precisamos nos debruçar sobre o fenômeno do nacionalismo e procurar respostas para as três perguntas a seguir:

1. O que é o nacionalismo? E o que o nacionalismo significa hoje? E, nesse contexto, qual é a conexão entre o nacionalismo e o populismo?
2. O que motiva as pessoas para se voltarem novamente às ideias nacionalistas e a eleger partidos nacionalistas?
3. O que pode ser feito para combater o novo nacionalismo e fazer com que as pessoas votem novamente nos partidos que representam o centro político e defendem um pacto ordenado como forma de conciliar os diversos interesses da sociedade?

1. Nação e Nacionalismo

Sem aqui poder entrar em detalhes sobre o tema nação e nacionalismo, gostaria lembrar brevemente alguns aspectos importantes, amplamente compartilhadas nos estudos sobre o nacionalismo (Deutsch 1966, Anderson 2016, Hobsbawm 2005, Breuilly 2013, Kunze 2019, Foreign Affairs 2019).

1. Todo nacionalismo baseia-se em uma ficção e essa ficção é a nação. As nações não existem como entidades sociais, elas existem apenas em nossa imaginação. Nações são comunidades imaginárias, "inventadas", criadas pelos nacionalistas. "Não são as nações as que geram os estados e nacionalismos, é o contrário" (Hobsbawm 2005: 21).

O nacionalismo é primeiramente uma ideia, uma construção de idéias coletivas, uma narrativa sobre uma história comum de um grupo de pessoas que supostamente têm um passado comum. Esse passado é romantizado, a história é construída, muito floreio é acrescentado, muito é deixado de fora, para construir um tipo de homogeneidade que na realidade nunca existiu. Assim, o nacionalismo transforma a percepção do mundo, promovendo uma visão de mundo reducionista e sub-complexa, que entende a relação entre a própria nação e outras fundamentalmente como polarização.

O nacionalismo é um conceito de diferenciação, que cria identidades falsas e verdadeiras imagens do inimigo, na verdade precisa de inimigos para transmitir a ideia de seu próprio grupo e diferenciar-se de outros. Com Donald Trump isso fica muito claro, quando ele vê a relação dos EUA com outros países como um jogo em que uns ganham e outros perdem.

Já em 1882, quando o nacionalismo estava experimentando seu primeiro auge, o escritor e filósofo francês Ernest Renan reconheceu essa visão de mundo reducionista do nacionalismo quando escreveu: "Não existe nação sem falsificação de sua própria história".² Ou seja, em todo lugar os movimentos nacionalistas escreveram a história de sua "nação" de tal forma a construir uma espécie de sentimento

² Ernest Renan, Qu' est-ce que c'est une nation? Paris 1882, cit. apud Hobsbawm, pág. 24.

comum, um destino comum ou um propósito comum. Na Catalunha e em outras regiões, isso pode ser claramente percebido nos movimentos nacionalistas ainda hoje. E se Alexander Gauland, presidente do partido Alternativa para Alemanha (AdD), define o domínio nacional-socialista como um "cocô de pássaro" („*Vogelschiss*“) da história alemã, isso também é uma expressão de como os nacionalistas querem escrever e determinar a história de seu país.

Entre os cientistas sociais e historiadores, há hoje um consenso de que o nacionalismo e o conceito de nação surgiram apenas no final do século XVIII, adquirindo importância principalmente durante o século XIX. Em geral, houve, em quase todo lugar, um desenvolvimento muito desigual da consciência nacional entre os grupos sociais e as regiões de um país.

Por via de regra, foi no final do século XVIII que pesquisadores e escritores "descobriram" ou ressaltaram as peculiaridades culturais, literárias e etnográficas de um grupo, desenvolvendo uma imagem de certos pontos em comum que distinguiam esse grupo de outros. Essa descoberta de semelhanças, porém, não conduziu, de início, a conclusões ou demandas de caráter político ou mesmo nacional. A língua geralmente desempenhava um papel importante, embora em quase todos os países europeus e não por último na Alemanha, muitas pessoas nem falavam ou entendiam uma língua comum, e certamente não sabiam ler ou escrever. A vida e o trabalho da maioria das pessoas transcorriam em espaços limitados. Embora soubessem que pertenciam a um estado específico, eles eram súditos e não cidadãos. Do estado em que viviam, eles esperavam uma certa função protetora - que este cumpria apenas parcialmente. No restante, os benefícios proporcionados pelo estado eram muito limitados. Além do pagamento de impostos, as pessoas tinham pouco em comum com seus governantes, muitas vezes nem sequer a mesma língua: Frederico o Grande, falava principalmente francês. Como resultado das guerras, as fronteiras dos estados e, portanto, as nacionalidades, mudavam frequentemente.

Somente na virada do século XIX surgiram pioneiros e porta-vozes militantes em defesa de uma "ideia nacional", que começaram a promover politicamente essa ideia. Os Românticos alemães em torno de Johann Gottfried Herder jogaram um papel importante nesse sentido, e pouco a pouco foram tendo sucesso. Além da crescente alfabetização, já nessa época novas formas de comunicação tiveram um papel muito importante na disseminação das ideias nacionalistas. Além disso, houve a unificação da língua, o que era especialmente relevante para a administração e o sistema escolar. Assim, os professores e servidores públicos de meio escalão tornaram-se importantes promotores do nacionalismo. Naturalmente, foram também relevantes as guerras de libertação contra Napoleão, que promoveram uma consciência nacional emergente, de modo que na sua sequência teses e grupos nacionalistas passaram a receber mais atenção por parte de setores mais amplos da população.

Em muitos lugares, no entanto, demorou até meados e mesmo até a segunda metade do século XIX para que as pessoas "comuns" comessem a mostrar simpatia pelo nacionalismo (trabalhadores, camponeses, serventes etc.), que antes tinham pouco em comum com as ideias das elites – em muitos casos, como já foi dito, nem sequer compartilhando a mesma língua.

Karl W. Deutsch (1966), que foi o primeiro a analisar sistematicamente o nacionalismo após a Segunda Guerra Mundial, entende o surgimento do nacionalismo, da nacionalidade e da construção da nação como consequência da transformação das sociedades tradicionais nas modernas. O estado-nação então formou-se no instrumento político mais poderoso da Era Moderna. Assim, em sua sociologia do desenvolvimento, Deutsch enfatiza a "nation building" como um elemento central e um pré-requisito para o "desenvolvimento" dos estados. A categoria principal para a formação do Estado-nação é o conceito de mobilização social: sociedades originalmente baseadas em aldeias tornam-se baseadas nas cidades. As sociedades agrícolas são transformadas em sociedades industriais e de serviços. Os analfabetos se tornam pessoas alfabetizadas. As aglomerações urbanas modernas facilitam a comunicação e permitam as massas de pessoas de se organizarem. Nas áreas urbanas, essas pessoas são privadas da oportunidade de obter seus próprios meios de subsistência. Tornam-se, portanto, trabalhadores dependentes. Esse fator, seguindo Deutsch, contribui significativamente para a politização. Os processos de mobilidade ascendente e descendente estão entre os principais pontos de partida dos movimentos etnopolíticos e nacionalistas modernos, especialmente quando a discriminação baseada na etnia bloqueia o acesso à existência socioeconômica bem-sucedida. Se os processos divisivos ou unificadores ganham vantagem em uma estrutura social heterogênea depende, segundo Deutsch, do equilíbrio entre os processos de assimilação e diferenciação.

No transcurso do século XIX, em muitos lugares o nacionalismo inicialmente atuou como uma espécie de "movimento de libertação", contribuindo para a emancipação dos povos contra as formas tradicionais de dominação e, nesse contexto, também para promover reivindicações democráticas. Não demorou muito, no entanto para que o nacionalismo criasse não apenas um movimento nacional de emancipação, mas também se transformasse em uma ideologia que serviu para estabelecer a concorrência agressiva entre os estados na era do Imperialismo, fundamentando as diferenças com outras nações em argumentos chauvinistas e racistas. De qualquer forma, já desde muito cedo e ao seu interior, os movimentos nacionalistas tinham excluído certos grupos da população de sua narrativa comum por causa de sua alteridade, assim p. ex. os judeus ou minorias étnicas e linguísticas. Para onde isso acabou levando, nós todos sabemos. E a consequência disso é que, após a Segunda Guerra Mundial, os principais líderes políticos da Europa, entre eles Konrad Adenauer, conceberam a integração europeia deliberadamente também como um instrumento para a superação do nacionalismo. Em um discurso de 1946, Adenauer descreveu a romantização da nação e também do estado por Herder, Hegel e os Românticos como uma causa da catástrofe, e em 1953, ele disse: "Se alguém, no mundo de hoje, insistisse em defender os conceitos tradicionais do nacionalismo, isso significaria desistir da Europa" (Adenauer 2014).

2. Apesar de seu caráter imaginário, inventado, existem nações em forma de unidades sociais - mas apenas quando isso representa uma forma específica do moderno estado territorial, o "estado-nação". Sem levar em conta igualmente esse aspecto do estado territorial, não faz sentido falar de "nação" ou "nacionalismo" - ou isso se torna perigoso, porque inevitavelmente evoca um tipo de comunidade que não existe na realidade social.

Dentro do estado-nação é possível desenvolver uma identidade coletiva, que funciona como princípio legitimador desse estado nacional: "o estado se legitima na medida em que pretende estar lá para o povo – a ,nação“ (Werron 2018:6). Os ataques dos nacionalistas "de direita" contra „os partidos do sistema " têm como alvo precisamente esse ponto: aos seus olhos, o estado não faz mais justiça ao pacto com o povo, e daí surge a demanda por uma mudança fundamental desse estado, que supostamente está incluindo grupos „estranhos ao povo“ na sua provisão de serviços. Como consequência, isso significa um ataque à ordem fundamental livre e democrática, razão pela qual partidos como o AfD alemão devem ser considerados, de fato, como hostis ao sistema.

Assim, o povo - a nação -, são todos os que pertencem ao estado. A nação alemã é, portanto, a comunidade dos cidadãos alemães, assim como a nação brasileira é a comunidade dos cidadãos que possuem passaporte brasileiro. Na Alemanha, entretanto, existem nacionalistas, entre eles o copresidente da AfD, Gauland, que têm dificuldade em lidar com essa ideia e tentam justificar a „nação“, ainda ou novamente, do ponto de vista "identitário". Como resultado, obviamente, querem logo excluir todos aqueles que em razão de sua origem, cor da pele, religião etc. supostamente não pertencem a essa comunidade conforme a definição identitária. Isso pode ser observado alguns anos atrás, quando o copresidente da AfD, Gauland, tentou excluir o jogador alemão da Seleção nacional, Jerome Boateng, cujo pai é de Gana e cuja pele é negra, da definição de cidadão alemão. Durante a campanha eleitoral de 2017, o mesmo Gauland usou contra uma política de origem turca a ameaça de que ela seria „devolvida à Anatólia“ após a vitória da AfD nas eleições. Diante de tais tentativas de exclusão, é importante salientar hoje novamente que uma nação, obviamente, também inclui pessoas com um histórico de migração.

3. O nacionalismo teve não apenas uma influência decisiva sobre a legitimação do Estado-nação, como também é um princípio norteador da ordem global.

O mundo é composto por nações - e isso são, estritamente falando, os estados nacionais, ou simplesmente: estados individuais -, cujo direito à autodeterminação é reconhecido na Carta das Nações Unidas e na Declaração de Direitos Humanos, etc. O fato de reconhecermos uma ordem internacional é consequência de entendermos o mundo como um conjunto de estados nacionais com direitos soberanos. A legitimidade nacional tornou-se „praticamente uma razão de ser para a preservação do sistema internacional – a ‚soberania‘ dos estados existentes - bem como para a potencial inquietação e dinâmica nesse sistema – ‚o direito dos povos‘ à autodeterminação“ (Werron 2019:17). Respeitamos a reivindicação de cada estado nacional à soberania política e temos a ideia de uma ordem mundial, segundo a qual o mundo inteiro é formado por nações (= estados nacionais). Isso parece-nos evidente hoje, mas essa ideia nem sempre existiu assim. Dessa maneira, o nacionalismo assentou o sistema internacional sobre uma base de legitimidade nova e universal. Em „ter desenvolvido e implementado uma *concepção universalista de um mundo ordenado de forma particularista*, reside (...) a conquista histórica do nacionalismo moderno" (Werron 2019:18).

4. O nacionalismo é, portanto, imprescindível como elemento do Estado moderno. A esse respeito, também não estamos experimentando o "retorno" do nacionalismo, como às vezes se afirma:

Por outro lado, estamos vivenciado hoje com mais frequência também aquelas formas de nacionalismo que levaram às catástrofes do passado.

O nacionalismo apresenta-se de diversas maneiras. Em sua forma institucionalizada, trata-se do moderno estado nacional baseado no estado de direito, além disso democraticamente estruturado na Europa e em outros países. O nacionalismo, porém, não é apenas uma instituição, mas também uma ideologia que se apresenta de diferentes formas (Werron 2018: 23 ss):

- como *nacionalismo identitário*, voltado para a construção de identidades coletivas e que, em sua forma extrema, é explicitamente racista e chauvinista;
- como *nacionalismo de conflito*, que, por exemplo, justificou a expansão dos estados na era do imperialismo, ou mesmo como "nacionalismo defensivo" nas guerras de libertação contra as potências coloniais (na Irlanda ou na Índia, por exemplo). A ocupação de parte da Ucrânia pela Rússia pode ser caracterizada com este tipo de "nacionalismo de conflito";
- como *nacionalismo de escassez, concorrência ou de lugar*, que hoje tem uma forte presença no contexto da migração, quando se trata de defender aquilo que é próprio e os nativos contra os migrantes (mesmo que não haja como afirmar que eles de fato tiram algo dos nativos). No entanto, esse "nacionalismo de escassez" é também relevante quando imaginamos o mundo como um lugar de bens escassos e partimos do pressuposto de que cada nação poderá obter pelo menos uma parte dos bens que lhe cabem somente às custas de outras nações. Assim, estamos vendo que o comércio internacional nem sempre funciona ou é visto automaticamente como um jogo de ganha-ganha para todos (como mostram o cancelamento do Acordo de Livre Comércio por medo da superioridade dos EUA ou as tarifas de Trump contra carros alemães), ou que a migração, em alguns lugares, venha acompanhada de sérios e até trágicos conflitos de distribuição.

Muitas manifestações dessa forma diferente de nacionalismo são pouco evidentes ou mesmo inofensivas (por exemplo, quando em competições esportivas é expressada uma forma de nacionalismo de concorrência). Precisamente porque o nacionalismo se alimenta também dessas fontes menos evidentes, ele sempre poderá assumir formas mais ostensivas. As formas ostensivas do nacionalismo "identitário" podem tirar proveito do fato de que nos acostumamos a pensar em identidades coletivas nacionais e em interesses nacionais coletivos e podem tentar usá-los para alavancar capital político para si. O nacionalismo ostensivo pode-se associar ao menos evidente, e virar ostensivo de forma menos óbvia.

Esse renovado caráter ostensivo do nacionalismo identitário pode ser percebido hoje sobretudo através de duas variantes menos evidentes do nacionalismo: o nacionalismo de concorrência e/ou nacionalismo de localização, cada vez mais influente a partir da década de 1980, que proclama o esforço pela manutenção da competitividade no sentido da capacidade de produção eficiente de produtos de mercado e a luta pela atração de empreendimentos como tarefa permanente de todos os estados nacionais; e o nacionalismo do „nós já estamos aqui“, tão importante no debate sobre a migração, e que parte do pressuposto de que a prosperidade de um país é um bem que deve beneficiar apenas aqueles que já

fazem parte dele. É fácil associar a valorização do desempenho e a proteção do bem-estar com um nacionalismo étnico-cultural que reivindica o desempenho e o bem-estar como expressão permanente do caráter de uma nação, mas que ao mesmo tempo defende a manutenção dessas características como um bem em si. Dado que atualmente é isso que ocorre, podemos falar de um "novo nacionalismo". Mas, a princípio, isso sempre fez parte da interação que se deu ao longo da história entre formas mais evidentes e menos evidentes do nacionalismo - e provavelmente continuará manifestando-se também outras vezes no futuro.

5. O nacionalismo sempre tendeu a usar o populismo como um método de conquista e defesa do poder político, porque tanto o nacionalismo como o populismo reduzem questões sociais e políticas complexas a uma noção simples: construir, salvar ou promover a nação. Hoje, nacionalismo e populismo costumam formar uma aliança sinistra, motivo pelo qual fala-se cada vez mais sobre "nacionalismo populista" ou "populismo nacionalista" (Eatwell/Godwin 2018 e López Alves / Johnson 2018).

O populismo é um método de conquista e defesa do poder político que consegue mobilizar politicamente usando a polarização do "nós contra os outros" (Müller 2016 a+b, Jesse/ Mannewitz/ Panreck 2019).- O populismo constrói uma antítese: entre o " verdadeiro povo " e as "elites corruptas", o poder constituído ao qual ele se opõe e do qual faz parte, entre outros, a "imprensa mentirosa". Os populistas afirmam defender a soberania do povo contra seus opressores "lá de cima". A heterogeneidade e o pluralismo de uma sociedade são negados em oposição a uma suposta homogeneidade do povo e à vontade do povo. A afinidade desse método com a ideologia do nacionalismo é óbvia. Mas também a esquerda pode apropriar-se desse método sem nenhum problema. O populismo em si, eu não consideraria como ideologia, mas antes como uma simplificação apolítica de questões complexas. Ou nas palavras de Ralf Dahrendorf: "O populismo é simples. A democracia é complexa" (Dahrendorf 2017:5).

Tradicionalmente, os populistas preferem diagnósticos e terapias simplificados. Geralmente eles espalham meias-verdades mais difíceis de refutar do que simples mentiras. Ou nas palavras de Ralf Dahrendorf: "O populismo é simples. A democracia é complexa " (2007:5).

No fundo, os populistas preocupam-se com instrumentalizar as queixas, aumentando seu senso de ameaça, identificando "bodes expiatórios", divulgando imagens do inimigo, apelando a instintos menores, despertando ressentimentos, usando a suscetibilidade dos eleitores a slogans odiosos, incitando o ódio e reduzindo inibições. No geral, os populistas geralmente falam o que eles pensam goste aos seus eleitores. Com as olhas na demoscopia não querem assumir os desafios de liderança e persuasão políticos. (É claro que um político que levanta uma demanda popular não deve ser considerado automaticamente um populista – o essencial são a atitude e a dose).

*

Para resumir aqui a discussão sobre o nacionalismo, deve-se salientar novamente que o nacionalismo é uma instituição global e que não desaparecerá no futuro próximo. Por isso devemos tentar conviver de forma inteligente com o nacionalismo. Faz parte disso, igualmente, falarmos abertamente sobre o assunto e aceitarmos que mesmo um nacionalismo liberal e amigável é, em última análise, nacionalismo, ainda que o chamemos de patriotismo "ou patriotismo constitucional". Todas as formas de nacionalismo produzem identidades coletivas que demarcam fronteiras entre "nós" e "os outros". Mesmo o patriotismo mais nobre é inevitavelmente particularista, delimita, inclui uma minoria e exclui a maioria das pessoas. O patriotismo contribui para legitimar a divisão do mundo em estados nacionais.

2. Razões para o surgimento do nacionalismo moderno

Com isso chego à minha segunda pergunta: o que motiva as pessoas a voltarem-se novamente para o ideário nacionalista e a escolher partidos nacionalistas? Na Europa, trata-se sobretudo do nacionalismo anti-liberal e anti-europeu. Como se explica o afluxo aos partidos que defendem essas posições? E o que isso significa para nossas democracias?

Tenho a impressão de que nós na Europa ainda não encontramos uma resposta verdadeiramente abrangente a essa pergunta. Talvez isso nem seja possível diante do fato de o nacionalismo ter motivações e expressões muito diferentes. Na Espanha, por exemplo, o nacionalismo do novo partido populista de direita "Vox", dirigido ao país como um todo, é principalmente uma reação ao nacionalismo regional na Catalunha e também no País Basco e à incapacidade dos partidos até agora dominantes (especialmente o PSOE e o PP) de lidar com isso. Na Alemanha, o início do novo movimento nacionalista estava ligado ao ceticismo em relação à moeda comum e ao medo diante do custo das medidas de alívio para os países extremamente endividados no contexto da chamada "crise do euro" a partir de 2011; mas foi a chamada "crise migratória" de 2015 a que realmente deu impulso ao populismo nacionalista de direita. Na França, foi provavelmente o desconforto com o estilo político em voga, que tinha os partidos tradicionais como alvo e, na Inglaterra, o ressentimento contra a UE alimentado durante anos por políticos influentes e que, no referendo de junho de 2016, levou à vitória dos partidários do "Brexit". É claro que, em muitos casos, e isso vale não por último para os países nórdicos, a crise migratória jogou a favor dos nacionalistas, porque serviu como pretexto para uma nova forma de nacionalismo identitário: "nós contra os recém-chegados que nos ameaçam". No entanto, ao investigar as causas do novo nacionalismo provavelmente se faça necessária uma pesquisa mais aprofundada, pois a crise da migração por si só não explica o fenômeno.

Para Francis Fukuyama, a demanda por reconhecimento é um motivo essencial para o surgimento do populismo moderno. Acima de tudo, ele enfatiza as "políticas do ressentimento", isto é a percepção que alguns grupos sentem de terem sido negligenciados (2018;7). O desejo de reconhecimento seria, portanto, a principal causa para a ascensão do populismo. "Em uma variedade de casos, um líder político mobiliza apoiadores para promover a percepção de que a dignidade do grupo foi ofendida, desrespeitada ou de outra forma desconsiderada. (...) Um grupo humilhado que busca restaurar sua dignidade tem muito mais peso emocional do que pessoas que estão apenas à procura de seus benefícios econômicos" (ibid). Eu acho que isso descreve e explica, pelo menos até certo ponto, o sentimento de muitas pessoas

em alguns países da Europa, assim por exemplo, tanto nas regiões "relegadas" na França, como nos lugares da Inglaterra que não se beneficiaram do boom do centro financeiro de Londres, ou mesmo em partes dos estados no Leste da Alemanha, onde o partido nacionalista de direita "Alternativa para Alemanha" desfruta de um alto nível de aprovação.

A conexão com o nacionalismo é então bastante rápida. Segundo Fukuyama, a política identitária atual é promovida pelo desejo de certos grupos sociais de reconhecimento igual, no entanto, pode facilmente levar a uma demanda pelo reconhecimento da superioridade do grupo. "Essa é em grande parte a história do nacionalismo e da identidade nacional, assim como de certas formas do comportamento extremista de algumas religiões nos dias de hoje" (2018: 22). Para Fukuyama, o tema da identidade / reconhecimento é importante não apenas para a compreensão do nacionalismo contemporâneo, mas também para as formas extremas do islamismo moderno. Suas raízes estariam na modernização, que traria consigo um choque em relação às comunidades tradicionais. Nesse contexto, ele assinala, entre outros, que os movimentos sociais a partir da década de 1960 começaram a escapar gradualmente da esfera dos partidos e não representam mais as antigas diferenças de classe. Isso não é novo, mas precisa ser lembrado com vistas à fragmentação dos sistemas partidários.

Em termos gerais, porém, acho que Fukuyama estica demais a corda de seu argumento, pois não leva em conta outros fatores e interpreta, por exemplo, (p 80) também as demandas econômicas e sociais dos cidadãos que elegem partidos nacionalistas apenas como um desejo por reconhecimento de sua própria dignidade ou de seu próprio status. Considero isso simples demais, uma vez que as desvantagens econômicas e a crescente desigualdade realmente existem (Piketty 2014), não por último na França, com um dos movimentos nacionalistas mais fortes da Europa, que também se beneficiou da revolta dos "coletes amarelos". Particularmente digno de nota é que Fukuyama, no fim das contas, quase não responde à pergunta sobre como a democracia liberal pode ser defendida e preservada.

Dois outros autores que lidam com o "populismo nacional" apontam outros pontos importantes (Eatwell/Goodwin 2018). Primeiro: os defensores do nacionalpopulismo são „mais diversos do que o estereótipo do ‚mal-humorado homem branco‘ que em breve será substituído por uma nova geração de *millennials*, de modo que tudo volta ao equilíbrio "; e segundo, o "desafio para o mainstream liberal não (é) em geral antidemocrático (...). Em vez disso, os nacionalpopulistas são contrários a certos aspectos da democracia liberal, tal qual ela se desenvolveu no Ocidente. " (ibid: xi s.).

Os autores Eatwell und Goodwin, portanto, estão à procura de um quadro diferenciado e não monocausal. Assim, seria preciso entender que nem todos os apoiadores de Trump querem derrubar as instituições democráticas, mas estão preocupados com o fato de as instituições democráticas "não serem representativas da sociedade como um todo e, principalmente, estarem cada vez mais distantes do cidadão comum" (xi). A crítica às elites desempenha um papel importante nesse contexto. O mesmo poderia dizer-se talvez do Brasil, onde nem todos os eleitores do Presidente Bolsonaro estavam ou estão de acordo com todas as suas posições, mas ele lhes pareceu como sendo a alternativa relativamente "melhor".

Os nacionalistas estariam dispostos a discutir uma série de questões democráticas legítimas que não afetam a vida das elites e por isso não seriam tratadas por elas. As elites viveriam em uma situação insular e isoladas da vida dos cidadãos comuns. Isso incluiria, por exemplo, a erosão do estado nacional, a capacidade de acolhimento dos migrantes e a rápida "mudança étnica" em algumas sociedades; a desigualdade nos estados ocidentais e a exclusão de um certo grupo de pessoas, e a questão de saber se o estado não faria melhor em ocupar-se das pessoas que passaram anos contribuindo para os sistemas tributários e de previdência social.

Assim, a crítica às elites, que é um elemento central do populismo igualmente em sua variante nacionalpopulista, mesmo que não compartilhada, é levada muito a sério pelos dois autores. Na minha opinião isso também é válido, porque as elites políticas (e outras "elites", como os líderes empresariais ou a mídia), na verdade, não fizeram tudo certo, porque senão eles poderiam ter imposto um freio ao populismo mais cedo e de forma mais efetiva.

Basicamente, esse é um problema de representatividade nas democracias liberais. Esta questão foi discutida intensamente anos atrás, principalmente na União Europeia, quando muito se falou sobre o "déficit democrático" da União. Com o Tratado de Lisboa de 2011 e o fortalecimento do Parlamento Europeu nele consagrados, foi dito que o problema do déficit democrático, que também era um problema de representatividade, havia sido resolvido. Isso obviamente não é o caso, mas na Europa ele provavelmente perdeu um pouco de vista este problema de representatividade sobre muitos outros temas. Agora, o presidente do Bundestag alemão, Wolfgang Schäuble, lembrou que uma solução dos problemas atuais das democracias - e isso se refere, em particular, ao desafio do populismo nacional - depende também do fato de os parlamentos e grupos parlamentares de suas funções novamente melhor atender (Schaeuble 2019).

Em resumo, Eatwell e Goodwin explicam a ascensão do nacionalpopulismo principalmente com quatro processos de transformação social, segundo eles profundamente enraizados e que preocupam um número crescente de pessoas. Trata-se dos seguintes:

- desconfiança em relação a políticos e instituições ,
- destruição da identidade histórica do grupo nacional e dos modos de vida estabelecidos,
- sentimento de perda como resultado do aumento das desigualdades de renda e riqueza no Ocidente e a perda de fé em um futuro melhor ,
- dissociação: enfraquecimento dos laços entre os principais partidos tradicionais e as pessoas.

De uma maneira ou de outra, esses quatro pontos jogam um papel na discussão na Alemanha quando se trata de entender e explicar as causas da ascensão do nacionalpopulismo. Contudo, ainda não foi encontrada uma resposta convincente sobre como reagir à situação.

Adicionalmente, gostaria de destacar três outros fatores que contribuíram para o surgimento e fortalecimento de conceitos, agrupamentos e partidos nacionalistas e populistas, que na Alemanha como em outros países da Europa estão apenas começando a ser percebidos, mas que no futuro poderão ter

um impacto considerável sobre a preservação das democracias liberais e o movimento de fuga de muitas pessoas em direção aos nacionalistas.

Por um lado, esse é o enfraquecimento do Estado-nação no contexto da globalização. Especialmente os críticos do neoliberalismo citam esse argumento quando tentam explicar o surgimento do nacionalismo populista. Na América Latina, essa atitude contra o neoliberalismo, que levou a uma suposta ou real restrição da autodeterminação, é evidente em toda parte. Mas também na Europa, essa atitude teve um papel - curiosamente, não por último no país em que o neoliberalismo tinha grandes defensores e que inicialmente parecia lucrar claramente: a Grã-Bretanha. Aqui, acima de tudo, a União Europeia é o alvo do sentimento de perda de autodeterminação, que mobilizou os opositores nacionalistas da UE e levou ao voto do Brexit.

E quando na Alemanha, o ex-primeiro-ministro da Baviera, que agora é ministro federal do interior, durante a chamada crise migratória de 2015 falou de uma "perda de controle do estado", então ele fomentou medos, que também foram motivados pela preocupação do povo de um enfraquecimento do estado-nação e sua função protetora (o que tem nada a ver com o neoliberalismo).

Outro ponto diz respeito a preocupação de muitas pessoas de não poderem mais dizer abertamente sua opinião hoje em dia e de que cada vez mais existam "temas-tabu". Essas não são as que povoam as mídias sociais usando discursos de ódio, insultos ou alegações falsas. Mas são os cidadãos "normais" que, de por exemplo na Alemanha acordo com uma pesquisa recente do Instituto Allensbach, têm a impressão de que não podem mais dizer o que pensam, porque isso não é politicamente correto (Köcher 2019). Nisso, a Alemanha não está sozinha. Algumas pessoas estão se rebelando contra o "*political correctness*" e se voltam para os populistas de direita, porque sentem que eles expressam o que elas pensam. Atualmente isso é muito evidente no debate sobre a mudança do clima. Não se trata de opiniões "de direita". Mas muitas pessoas acham um pouco histórico o debate sobre a mudança climática, especialmente se devem pagar por isso. Como os partidos no centro político também representam os objetivos climáticos deste debate, as pessoas recorrem aos partidos de direita. Na Alemanha, a AfD está agora tentando conquistar apoiadores com uma atitude crítica em relação ao debate sobre a preservação do clima. Com isso os partidos do espectro político do centro enfrentam um dilema: quando se aproximam de um dos lados, perdem imediatamente do outro. Isso ficou muito claro, por exemplo, nas eleições para o Parlamento Europeu, quando a CDU perdeu votos para a direita e para a esquerda, porque alguns de seus eleitores temiam que o partido fosse "conservador" ou "esquerdista" demais.

Um último ponto diz respeito a um assunto que todos nós provavelmente veremos aumentando nos próximos anos: às consequências da revolução digital, da inteligência artificial, da crescente substituição de funções humanas por robôs, do desemprego resultante disso e do surgimento de um proletariado acadêmico (que já seria perceptível ainda em algumas regiões dos EUA), no controle dos nossos hábitos e decisões por algoritmos, em última instância a restrição da nossa liberdade individual e política (Lassalle 2019). Não tenho a impressão de que na Alemanha, e também em muitos outros países da Europa, as pessoas estejam refletindo muito ou amplamente sobre essas questões. Mas se os sentimentos de alienação se tornarem mais nítidos como resultado da revolução digital, poderemos

esperar mais movimentos de fuga das pessoas, e nesse caso os partidos nacionalpopulistas se oferecerão como destinatários sobre os quais projetar esses sentimentos.

3. Abordagens políticas para superar o nacionalismo

O que pode ser feito para combater o nacionalismo e reconquistar novamente as pessoas (de volta aos partidos de centro)?

Como tantas vezes, as ciências sociais oferecem antes uma análise dos problemas do que propriamente orientações para a ação. Eu acho importante que os partidos do centro respondam ainda mais claramente às novas demandas por reconhecimento de grupos e regiões que se sentem deixados para trás. Os objetivos políticos precisam ser explicados mais intensamente e é necessário buscar o contato com o povo. Parece que isso funcionou bastante bem na Alemanha nas últimas eleições estaduais em outubro de 2019, quando os populistas de direita puderam ser razoavelmente contidos. Na Saxônia, o governador da CDU, com infinita paciência, passou quase um ano inteiro realizando reuniões com os cidadãos todos os dias, conversando com as pessoas e mostrando a elas que suas preocupações eram levadas a sério. Além disso, tomaram-se decisões políticas em uma clara demonstração para as regiões supostamente relegadas de que elas não estavam esquecidas.

Assim, para combater a desconfiança em relação aos políticos e às instituições, os partidos também estão debatendo internamente sobre como abrir mais espaços para que as pessoas que se sentem excluídas possam ter voz e sejam ouvidas, talvez lançando mão de novas formas de democracia direta. Claro que isso é muito problemático, como mostrou ultimamente o referendo do Brexit. Um aumento da democracia "direta" envolve o risco de causar mais dano ainda às instituições políticas, especialmente aos partidos.

O que certamente é importante é redefinir a política de migração/imigração na Europa. Esse é um tema delicado. Embora a crise migratória não seja a principal causa do fortalecimento do nacionalpopulismo, ela tem contribuído para isso. Por essa razão é igualmente necessário desenvolver novas abordagens políticas em relação a esse tema, a fim de não fornecer ainda mais argumentos aos nacionalpopulistas. Encontrar aqui uma solução europeia será uma tarefa difícil para a nova Comissão da UE.

Também a questão das desigualdades de renda e riqueza deve ser abordada mais energicamente, visto que a automação e a inteligência artificial provocarão mudanças nos mercados de trabalho que podem abalar os sistemas políticos de forma duradoura, se providências não forem tomadas a tempo. A crise de distribuição é um sério desafio, tanto para a Alemanha quanto para o Brasil, embora essa crise tenha dimensões diferentes em todos os lugares.

Visto que é previsível que, apesar das medidas acima e de outras ações, os partidos nacionalpopulistas se estabelecerão nos sistemas partidários por um bom tempo, alguns políticos (e autores) recomendam que outros partidos se apresentem como "nacionalpopulistas light" para reconquistar os eleitores (Eatwell/Goodwin 2018, LindWohlforth 2019, Lochocki 2018). Isso é, no mínimo, ousado. Não há

atualmente evidências empíricas de que essa abordagem seja promissora. Na Alemanha, não existe maioria para isso, assim como também mostram as eleições para o Parlamento Europeu e a discussão intra-partidária na CDU. Também na Espanha, o Partido Popular não conseguiu impedir que os eleitores o abandonassem, mesmo usando um discurso de "direita". O populismo e o nacionalpopulismo não podem ser combatidos com populismo.

O grande problema para muitos partidos hoje, e isso também se aplica, por exemplo, à CDU alemã, é que o diálogo e a construção de consenso não apenas se tornaram mais difíceis no âmbito das sociedades, mas também dentro dos partidos. Isso é um grande desafio para as democracias, que se evidencia, entre outros, pela crescente dificuldade em diversos países, entre eles também em diversos países europeus, de alinhar maiorias capazes de governar e de formar governos. A Espanha, não por último, é um exemplo disso. Para os nacionalistas, ao contrário, isso é água para seus moinhos.

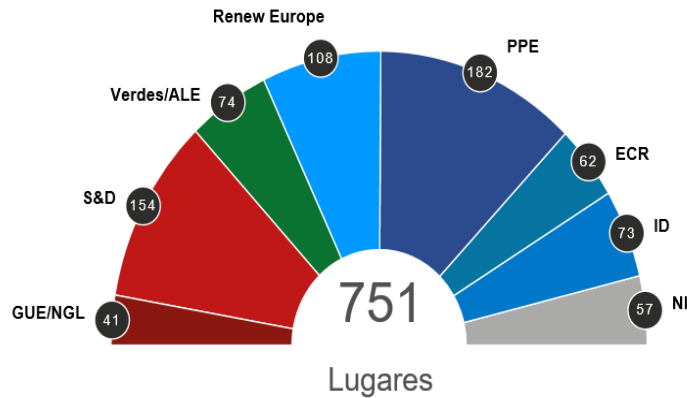
Assim, mesmo que não haja respostas conclusivas para a luta contra o nacionalismo, e cada país precise desenvolver suas próprias ferramentas para combatê-lo, é importante descrever e analisar o fenômeno, lembrando-nos repetidamente das conseqüências dramáticas inerentes ao nacionalismo. Somente quando estivermos cientes das conseqüências ameaçadoras do nacionalismo e do populismo nacional para nossas democracias liberais, os antídotos para esse veneno começarem a ter efeitos.

- Konrad Adenauer, *El fin del nacionalismo y otros discursos sobre la construcción de Europa*. Madrid: Ed. Encuentro, CEU, KAS, 2014, S. 28
- Benedict Anderson, *Imagined Communities : Reflections on the Origin and Spread of Nationalism*. London, Random House 2016 (1a edição 1983).
- John Breuilly (Ed.), *The Oxford Handbook of the History of Nationalism*. Oxford University Press 2013.
- Ralf Dahrendorf: *Acht Anmerkungen zum Populismus*, em: Eurozine, 18 de setembro de 2007; <https://www.eurozine.com/acht-anmerkungen-zum-populismus/?pdf>
- Roger Eatwell/Matthew Goodwin, *National Populism. The revolt against liberal democracy*. London: Penguin 2018.
- Foreign Affairs, *The new nationalism*, March/Abril 2019.
- Francis Fukuyama, *Identity: The Demand for Dignity and the Politics of Resentment*, London: Profile Books, 2018
- Eric J Hobsbawm, *Nationen und Nationalismus. Mythos und Realität seit 1780*. Frankfurt – New York: Campus 3ª edição 2005 (edição original em inglês 1990);
- Eckhard Jesse/ Tom Manneitz/Isabelle- Christine Panreck (Hrsg.): *Populismus und Demokratie. Interdisziplinäre Perspektiven*. Nomos Verlagsgesellschaft, Baden-Baden 2019.
- Renate Köcher: *Immer mehr Tabu Themen*, em: Frankfurter Allgemeine Zeitung de 22 de maio de 2019
- Rolf-Ulrich Kunze, *Nationalismus: Illusionen und Realitäten. Eine kritische Bestandsaufnahme*. Stuttgart: Kohlhammer, 2019;
- Fernando López-Alves, *Populist Nationalism in Europe and the Americas. Past, present and future*, in: Fernando López-Alves/ Diane E. Johnson (eds.) *Populist Nationalism in Europe and the Americas*. Routledge 2018.
- Fernando López-Alves/ Diane E. Johnson, *The Rise of populist nationalism in comparative perspectives*, in: Fernando López-Alves/ Diane E. Johnson (eds.) *Populist Nationalism in Europe and the Americas*. London: Routledge 2018.
- Timo Lochocki: *Die Vertrauensformel – So gewinnt unsere Demokratie ihre Wähler zurück*. Freiburg-Basel-Wien: Herder 2018.
- Francis Fukuyama, *Identity: The Demand for Dignity and the Politics of Resentment*, London: Profile Books, 2018
- José Maria Lassalle, *Ciberleviatán*. Madrid 2019
- Jennifer Lind e William C. Wohlforth: *The Future of the Liberal Order Is Conservative. A Strategy to Save the System*, em: Foreign Affairs, março-abril de 2019, pp. 72-80, ou
- Jan-Werner Müller, *Populismus. Symptom einer Krise der politischen Repräsentation?* Em: *Aus Politik und Zeitgeschichte* 40-42/2016, pág. 24 – 29 = 2016a
- Jan-Werner Müller: *Was ist Populismus? Ein Essay*. Frankfurt: edition suhrkamp, 2016b
- Thomas Piketty, *Capital in the Twenty-First Century*. Harvard University Press, Cambridge, 2014.
- Wolfgang Schäuble, *Vom Streit zur Entscheidung*, in: Frankfurter Allgemeine Zeitung vom 10.10.2019
- Tobias Werron: *Der globale Nationalismus*. Berlin: Nicolai Publishing & Intelligence GmbH, 2018

O resultado das eleições europeias em Maio de 2019

Parlamento Europeu: 2019 - 2024

Sessão constitutiva



Os grupos nacionalistas e euro céticos são formados pelos partidos seguintes:

European Conservatives and Reformists (ECR)	European Conservatives and Reformists (ECR)
New Flemish Alliance (Nieuw-Vlaamse Alliantie) Belgium	Freedom Party of Austria (Freiheitliche Partei Österreichs) Austria
Bulgarian National Movement (Българско Национално Движение) Bulgaria	Vlaams Belang Belgium
Croatian Conservative Party (Hrvatska konzervativna stranka) Croatia	Freedom and Direct Democracy (Svoboda a přímá demokracie) Czech Republic
Civic Democratic Party (Občanská demokratická strana) Czech Republic	Danish People's Party (Dansk Folkeparti) Denmark
Us with Italy (Noi con l'Italia) Italy	Conservative People's Party (Eesti Konservatiivne Rahvaerakond) Estonia
National Alliance "All For Latvia!" – "For Fatherland and Freedom/LNNK" (Nacionālā apvienība „Visu Latvijai!” – „Tēvzemei un Brīvībai/LNNK”) Latvia	Finns Party (Perussuomalaiset) Finland
Electoral Action of Poles in Lithuania – Christian Families Alliance (Lietuvos lenkų rinkimų akcija - Krikščioniškų šeimų sąjunga) Lithuania	National Rally France
Dutch Reformed Party (Staatkundig Gereformeerde Partij) Netherlands	Alternative for Germany Germany
Law and Justice (Prawo i Sprawiedliwość) Poland	The League Italy
Freedom and Solidarity (Sloboda a Solidarita) Slovakia	
Swedish Democrats (Sverigedemokraterna) Sweden	
Conservative Party United Kingdom	